



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. DR. SÉRGIO JACINTHO LEONOR
DE ARRAIAS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DEILANE PEREIRA GODINHO

HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO STATUS DE WHATSAPP

Arraias/TO
2021

DEILANE PEREIRA GODINHO

HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO STATUS DE WHATSAPP

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Licenciatura em Educação do Campo para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com Habilitação em Artes Visuais e Música e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Prof^ª. Esp^ª. Daryellen Ramos Arantes

Arraias/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P436h Pereira Godinho, Deilane.
Histórias de resistência no status de whatsapp. / Deilane Pereira Godinho.
– Arraias, TO, 2021.
52 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Arraias - Curso de Educação do Campo, 2021.
Orientadora : Daryellen Ramos Arantes

1. Racismo. 2. Mulher negra. 3. Imagem de Resistência . 4. Status
Whasapp. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

DEILANE PEREIRA GODINHO

HISTÓRIAS DE RESISTÊNCIA NO STATUS DE WHATSAPP

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Arraias, Curso de Licenciatura em Educação do Campo para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo com Habilitação em Artes Visuais e Música e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 05/07/2021

Prof. Me. Rosângela Lopes da Silva, IFTO
(Membra da externa Banca)

Prof. Dra. Suze da Silva Sales, UFT
(Membra da Banca)

Prof^a. Esp^a. Daryellen Ramos Arantes, UFT
(Presidente da Banca)

Arraias/TO, 2021

*O corpo negro carrega em si marcas e memórias
de uma história de colonização, exploração, violência
estrutural, e os estigmas do racismo contemporâneo.*

Stuart Hall

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por estar comigo em todos os momentos de necessidades e por estar ajudando-me nesta importante etapa de minha vida, a minha família pelo amor e carinho.

Agradeço também a Universidade Federal do Tocantins pela oportunidade de graduação, em especial, a professora orientadora deste Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

O presente trabalho, tendo como base a análise investigativa de imagens visuais produzidas pela artista Rosana Paulino e o documentário de Alice Gomes (2018), realizou uma proposta de releitura e intervenção artística ao produzir imagens sobre conflitos e resistências do racismo estruturado em nossa sociedade expondo-as no status de whatsapp. O objetivo foi provocar tensão a nos permitir compreender como operam as estruturas sustentadoras do racismo. Realizamos leituras de textos e imagens com ênfase em autores como Zulma Palermo (2009), Mirzoeff (2009), Gomes (2018), Martins (2018), Hall (2003), dentre outras pessoas artistas e intelectuais com obras relacionadas à desconstrução de estereótipos da matriz colonial impregnados em modelos de subjetividades circulantes nas redes sociais. Adotou-se no percurso metodológico do trabalho a pesquisa de natureza qualitativa por meio de análise imagética de produções das artistas citadas e pesquisa bibliográfica. A partir das leituras, foi possível, também, analisar fotografias do contexto vivenciado na pesquisa, articuladas ao que identificamos como resistência ao racismo estruturado a mulher negra. Deste modo, neste exercício de pesquisa, buscamos reconhecer histórias de resistências presentes no processo de produção desta escrita reverberando no compartilhar de status de whatsapp.

Palavras-chaves: Racismo. Imagem de Resistência. Mulher Negra. Status Whatsapp.

ABSTRACT

The present work, based on the investigative analysis of visual images produced by the artist Rosana Paulino and the documentary by Alice Gomes (2018), made a proposal for reinterpretation and artistic intervention by producing images about conflicts and resistances of structured racism in our society, exposing them in whatsapp status. The objective was to provoke tension to allow us to understand how the structures that sustain racism operate. We read texts and images with emphasis on authors such as Zulma Palermo (2009), Mirzoeff (2009), Gomes (2018), Martins (2018), Hall (2003), among others artists and intellectuals with works related to the deconstruction of stereotypes of the colonial matrix impregnated in models of subjectivities circulating in social networks. In the methodological course of the work, a qualitative research was adopted through image analysis of the productions of the aforementioned artists and bibliographical research. From the readings, it was also possible to analyze photographs of the context experienced in the research, articulated to what we identified as resistance to structured racism against black women. Thus, in this research exercise, we seek to recognize stories of resistance present in the production process of this writing, reverberating in whatsapp status sharing.

Key-words: Racism. Resistance Image. Black Woman. Status whatsapp.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Alunos de educação do campo Arraias - TO	23
Figura 2: Alunas de Educação do campo Arraias - TO.....	24
Figura 3: Alunas de educação do campo arraias - TO.....	24
Figura 4: Alunas de educação do campo Arraias - TO.....	25
Figura 5: Aluna de educação do campo Arraias - TO	25
Figura 6: Professora de educação do campo Arraias - TO	26
Figura 7: Auxiliar de serviços gerais do campus de Arraias - TO	26
Figura 8: Aluna da educação do campo Arraias - TO	27
Figura 9: Aluna da educação do campo Arraias - TO	27
Figura 10: Cozinha dos alunos de educação do campo Arraias - TO.....	28
Figura 11: Quarto do alojamento feminino de educação do campo Arraias - TO.....	28
Figura 12: Varal do alojamento de educação do campo Arraias - TO	29
Figura 13: Aluna de educação do campo Arraias - TO	30
Figura 14: Os Fardos	33
Figura 15: Assentamento	34
Figura 16: Ama de Leite.....	35
Figura 17: Ainda a Lamentar.....	35
Figura 18: Bastidores.....	36
Figura 19: Exposição Colméia	37
Figura 20: Sem Título.....	38
Figura 21: Status 1	39
Figura 22: Resposta ao Status 2.....	40
Figura 23: Resposta 2, ao Status 2.....	41
Figura 24: Status 3.....	42
Figura 25: Resposta ao Status 3.....	43
Figura 26: Status 4.....	44
Figura 27: Resposta ao Status 4.....	45
Figura 28: Status 5.....	46
Figura 29: Status 6.....	47
Figura 30: Status 7.....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	TECENDO DIÁLOGOS COM O TEMA DE PESQUISA.....	11
3	PESQUISA E ANÁLISE DE CONCEITOS E PRODUÇÕES DE RESISTÊNCIA.....	13
4	ANÁLISE DE UM FILME DE RESISTÊNCIA.....	16
5	EVIDÊNCIAS DE RESISTÊNCIAS NO CAMPO ARTÍSTICO.....	20
6	DESCONSTRUÇÕES DE OLHAR COM REFERÊNCIA DE ROSANA PAULINO.....	31
7	COMO DAR VISIBILIDADE NAS REDES SOCIAIS AS OBRAS POSTADAS NO MEU STATUS.....	39
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Trata-se de um trabalho de análise de histórias de resistências no status de whatsapp tendo como ponto de partida a indignação provocada por um status de whatsapp no ano de 2019 que continha a seguinte frase: “hoje a coisa tá preta pro meu lado” a qual foi o estopim para indignação e início desta pesquisa recebeu a pergunta: qual o porquê dessa expressão? Recebi a resposta de que a pessoa estava tendo um dia ruim. Copiei aquela frase e postei no meu status do whatsapp. Logo em seguida as pessoas começaram a perguntar o que estava acontecendo comigo ou se estava tudo bem. A partir de então, comecei articular formas de estruturar o pensamento sobre como combater esse tipo de visão.

O status passava para o público uma visão negativa com relação à cor preta. Diante da indignação surgiu a desejo de estudar o assunto buscando analisar representações de olhares com respeito e abertura para o diálogo, com capacidade para identificar e tencionar situações atualizadas por sistemas de origem colonial no contexto de escrita deste trabalho: a faculdade, as redes sociais em interação com colegas, familiares e amigos.

Como problemática, o estudo buscou por entender: o que querem as imagens? O que artistas que trabalham com linguagem fotográfica têm produzido para combater imagens racistas naturalizadas no nosso cotidiano? É interessante o papel da figura do artista enquanto transformadora de realidades, capaz de nos fazer ver por outro ângulo aquilo que o olho displicente outrora se descansava sobre uma imagem (HUBERMAN, 2005).

Compreender os conflitos e as resistências expressadas em imagens que denunciam o racismo estruturado em nossa sociedade passou pelas seguintes etapas: 1- Pesquisa sobre contravisualidades (Mirzoeff, 2006) em fotografias da faculdade no contexto deste estudo analisadas a partir do documentário a Última Abolição. 2- Entendimento de como a cineasta combate a discriminação racial em sua narrativa. 3- Reconhecimento de práticas de resistência combatentes dos preconceitos raciais. 4 Análise dos processos históricos que manifestam discriminações raciais por meio de imagens. Esses momentos tiveram como base as referências bibliográficas de modo a refletir sobre as ações realizadas em combate a desigualdades raciais.

O trabalho foi composto pela escrita da pesquisa em análise aos conceitos buscados na literatura sobre decolonialismo e apresenta no percurso metodológico a análise de obras reconhecidas como resistentes, estabelecendo a identificação de resistências no meio acadêmico, encontrado fotografias produzidas por aluno da Educação do Campo: Artes Visuais e Música do Campus de Arraias/TO.

Ao trazer como referência um recorte dos trabalhos da artista Rosana Paulino, destacamos a pesquisa da artista sobre a situação da mulher negra na sociedade brasileira a dialogar com as imagens de fotografia dos alunos da Educação do Campo e realizar uma prática de intervenção artística no status de whatsapp, provocando a leitura destas imagens em resposta aquela situação de ideologias negativa acerca da cor preta no status visualizado em 2019 descrita no início desta escrita.

É esperado que este trabalho desperte novos estudos e pesquisa por imagens de resistência para atribuir significados positivos, desconstruindo subjetividades negativas que geram situações racistas.

2 TECENDO DIÁLOGOS COM O TEMA DE PESQUISA

Nesta pesquisa, encontrei o entendimento de visualidade como uma palavra antiga para dizer de situações presentes que devem ser combatidas. Nesse sentido, entende-se a visualidade como um complexo dotado de diferentes ferramentas a gerenciar o poder de uma autoridade que se autolegitima como uma figura de estética supervalorizada com objetivo de posicionar-se como superior em detrimento aqueles classificados como “de cor”, utilizado como forma de dominação, que gera uma hierarquia mental, baseada na classificação que dita quem governa e quem serve, separação de quem deve ser visto no poder e quem não deve e estetização do que é belo e o que não é (MIRZOEFF, 2016). Para Alice Martins (2010):

Os esforços para compreender os processos implícitos na construção de sentidos levam em conta os embates, os desequilíbrios nas relações de poder, os conflitos, bem como as lutas pelos direitos à diferença, à diversidade, à multiplicidade de manifestações e modos de expressão, tendo a Cultura como o sol sobre o qual as dinâmicas sociais se desenvolvem (MARTINS, 2010, s/p).

Comecei a me perguntar em quais ambientes seria possível encontrar narrativas visuais com potência para desconstrução do olhar marcado por uma política de separação, estetização e classificação (MIRZOEFF, 2016), as imagens propostas expõe e questiona como o processo de formação para ser arte educadora do campo contribui para dar visibilidade as narrativas de resistências no combate a formas racista de ver o mundo estruturada na sociedade inclusive no ambiente acadêmico.

Como têm sido motivado o combate as discriminações raciais por meio de manifestações de artistas negras na produção do que compreendemos através da leitura de Mirzoeff (2016) como contravisualidades orientou a pesquisa por imagens de resistência com objetivo de refletir sobre as estruturas sustentadoras de visões racistas impregnadas na sociedade e que repercutem a questão instigadora deste trabalho.

O interesse em dar visibilidade a situações de combate ao olhar racista permite perceber como racistas as imagens de intervalos das programações de TV aberta em que a maioria dos comerciais são feitos com pessoas de pele clara. Essa observação está de acordo com o dado estatístico de que apenas 7,4% dos comerciais de televisão são protagonizados por mulheres negras (Heads, 2019 citado pela Folha Uol). Pensei na naturalização que essas publicidades propõem através das imagens e a relação desse processo com a discriminação ou preconceito racial construídos em subjetividades.

Desde antes de cursar a graduação em licenciatura em Educação do Campo: habilitação em artes visuais e música (EDUCAMPO), já interessava analisar trabalhos artísticos relacionados à cultura negra. Porém sentia falta da visibilidade da presença da população negra como protagonista nas narrativas da memória nos registros de produções de imagens dos materiais que circulavam no meu espaço de convívio, desde os livros escolares por exemplo. E é importante destacar o reconhecimento da produção feita por artistas negras não para idealizar certas imagens visíveis na cultura negra como exótica como muito tenho visto nas novelas ou outros programas feitos para circulação em massa, mas por outro lado, reconhecer-me nas produções de tal natureza, as compreendendo em suas particularidades, reconhecendo seu lugar e significado no universo artístico e da cultura visual, construindo um entendimento sobre o espaço representativo de uma cultura que não diz respeito apenas a pessoas de pele retinta, mas toda história invisibilidade nos processos coloniais atualizado até os dias de hoje através de mecanismos mantedores do racismo estruturado.

A pesquisa objetivou investigar vestígios do que querem dizer as contravisualidades realizando leitura de obras na perspectiva de expressões de resistências contemporâneas traçando relações com fatos históricos e sociais. Esta investigação entendeu a possibilidade de mudança da memória de acordo com o contexto em que são expostas as imagens.

3 PESQUISA E ANÁLISE DE CONCEITOS E PRODUÇÕES DE RESISTÊNCIA

A pesquisa realizada não é um modelo de como resolver os conflitos em questão sobre o lugar da mulher negra no espaço de vivência humano, mas é ousada por provocar tensão no pensamento sobre de onde vem os conceitos pejorativos associados a pessoas de pele retinta e como isso está impregnado nas subjetividades difundidas por discursos via imagens de instituições que produzem conhecimento para uma grande quantidade de pessoas. Analisar o que querem as imagens estabelece relações com fatos sociais da memória e história social, numa tentativa de entender se são portadoras de influências racistas consciente ou inconsciente da sociedade.

Segundo Grosvenor (2000), as fotografias quando tiradas do seu meio se tornam pequenos pedaços da realidade, obtendo significado capaz de sustentar contraditórios. Neste sentido as fotografias são vistas como um tipo especial de evidências. Entretanto, há outras formas de pensar as imagens fotográficas considerando as possibilidades de se enganar ao ver na imagem um discurso manipulado do que poderia ser diferentes realidades. Desde os tempos de Moisés se sabe do poder dado às imagens por pessoas iludidas por discursos persuasivos de maneira a visibilizar e dar visibilidade de acordo com seus interesses. Nesse sentido que trazemos a citação seguinte:

Não é que as fotografias devem serem aceitas pelas aparências, ou tenha um valor central, nem que elas reflitam a realidade diretamente, nem mesmo que forneça alguma relação auto-evidente entre si e o que mostram. Simplesmente, uma fotografia pode ser material para interpretação uma evidência, nesse sentido, teria que ser solucionada, como enigma. Lida e decifrada, como pistas deixada na cena de um crime (KHUN apud WEILER, 1997, p. 18).

A revista Estudos Feministas, no artigo “As imagens de violência de gêneros em telenovelas brasileiras,” apresenta estudo acerca das cenas de novelas das oito da Rede Globo (2019), onde os contextos retratados nas cenas exibem ao público momentos de violência contra mulher em horário nobre. O gênero investiga como é retratada a violência contra vilãs em novelas brasileiras, gerando discussões quanto à situação de enquadramento da mulher no sistema midiático e o distanciamento da alteridade (REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, 2019).

Hall (2003), denuncia ainda mais a situação de enquadramento do corpo negro no que diz respeito à violência racista estrutural, os estigmas e formas de dominação e exploração colonial. Para ele:

O corpo negro carrega em si marcas e memórias de uma história de colonização, exploração, violência estrutural, e os estigmas do racismo contemporâneo. Da mesma forma, o corpo feminino carrega em si os estigmas e marcas da violência e dominação patriarcal. Muitas artistas têm reivindicado seus corpos como lugar de protesto, contestação e resistência ao utilizá-los como meio e suporte para propor uma poética carregada de crítica sociopolítica, trazendo como tema central, por meio da performance, questões de opressão racial e de gênero e uma forte crítica ao discurso colonial. (HALL, 2003, p.343).

Hall (2003), manifesta a crítica levantada pelas artistas Alice Gomes (2018), em *A Última Abolição* e, Rosana Paulino, em seus trabalhos fotográficos dedicados a entender a mulher negra na sociedade brasileira em discordância com os padrões generalizados. Ainda segundo Hall (2003) uma nova poética está surgindo e com ela um novo espaço de protesto, na contra mão do discurso colonial. Neste contexto as artistas atuam como protagonistas da própria história, suas obras fragmentam os discursos construído para alimentar ideias perversas justificadoras de pensamentos racistas. De acordo com Souza (2017):

As construções raciais históricas, que surgem de discursos científicos deterministas responsáveis por disseminar estigmas racistas no imaginário social, refletem no campo artístico. Tais categorias raciais invadem a arte e produzem consequentemente, expressões artísticas sustentadas em uma noção de hierarquia racial (SOUZA, 2017, s/p).

Nessa partida Souza (2017), enfatiza que, as ações históricas ainda influenciam no campo artístico. Muitas ideologias foram criadas na história da sociedade, de forma inconsciente ou não. Em contra partida surge o sujeito subalterno numa tentativa de participar na íntegra da construção da própria identidade. Porém, se encontra em um setor de distanciamento, argumentando contra um discurso construído e generalizado pelo senso comum. De certa forma a visão geral de narrativas tradicionais ainda predomina.

Foi tentando compreender formas de resistência à centralização e universalização da visão imperativa da estética colonial (PALERMO, 2009), em específico no que diz respeito às relações étnico-raciais, esta pesquisa analisou alguns conflitos e resistências, expressadas por artistas negras em projetos fotográficos disponíveis em acervos virtuais do Brasil, e em diálogo com estudos que colaboraram na compreensão de como as imagens são construídas, no que quer dizer: a quem estão submetidas (HUBERMAN, 2015).

O conceito de contravisualidade segundo Mirzoeff (2009) designa o que artistas fazem ao realizar obra em oposição às narrativas de opressão elaborando formas de resistência à centralização e universalização da visão imperativa da estética colonial (PALERMO, 2009), em específico no que diz respeito às relações de poder que estruturam o racismo, os conflitos

e as resistências expressadas por artistas negras que utilizam a fotografia como forma de linguagem poética.

Justifica-se pela necessidade de problematizar a imagem de marginalizado, bem como evidenciar o confronto que artistas têm feito contra autoridades, que se propagam através de visualidades frequentemente atualizadas para naturalizar que umas pessoas governem, enquanto outras devam ser súditas (MIRZOEFF, 2009).

Mirzoeff (2016), reivindica o direito ao olhar real. Não no sentido de visão, mais autonomia no direito ao olhar em combate a visualidade projetada pelos discursos da autoridade. Nesse sentido, “A visualidade é na verdade um termo do século XIX que faz referência a visualização da história” (MIRZOEFF, 2016). O direito a olhar recusa a dominação tanto na forma estética quanto no âmbito da lei. As práticas visuais históricas alicerçam a premissa da contravisualidade, a qual possui técnicas singulares construídas com base no diálogo.

O diálogo é contrário do discurso, pois permite o outro ver e ser visto em relação de igualdade e não de forças desiguais uma interessada em dominar tantas outras pessoas seja possível. A perspectiva compreende uma visão próxima a de Paulo Freire (1996) sendo a educação libertadora um meio de emancipação dos sujeitos subalternos. E esses processos acontecem em ambientes formais, não formais e informais e a arte tem capacidade para ser interdisciplinar perpassando por várias disciplinas de conhecimento.

Os conceitos estudados acima serviram de bases ao entendimento sobre fotografia, o corpo negro e pensar essa relação refletindo a problematização sobre visualidades e contravisualidades nas produções de artistas negras, evidenciando formas de resistências na análise de um filme de resistência que também fala de resistência.

4 ANÁLISE DE UM FILME DE RESISTÊNCIA

A análise da visão da cineasta Alice Gomes em *A Última Abolição* (GOMES, 2019) permitiu a compreensão de formas de ver fatos negados pelas narrativas tradicionais como determinantes para a manutenção do racismo estrutural. Deu base para buscar estudos sobre cultura visual e tessitura de diálogos com a comunidade onde originou a pesquisa e compôs a pesquisa por imagens reveladoras de atos de resistência.

O tema reafirma a existência de histórias de combate a mecanismos presentes desde a colonização constantemente atualizados através das visualidades projetadas para ditar quem deve ser servido e quem deve ser súdito. Esse tipo de produção permitiu ver de diferentes formas de imagens projetadas para tornar discursos auto evidentes.

A pesquisa não aceitou o diálogo negativo de “a coisa ta preta pro meu lado” e foi em busca de respostas. Ao apreciar a produção com desejo de compreender a expressão pessoal, a partir das vivências das próprias autoras, contribuiu para a compreensão das peculiaridades do corpo que mulheres negras habitamos as relações com a construção do olhar e mecanismos de criação de subjetividades.

Gomes (2018) problematiza a historiografia da sociedade brasileira apresentando perspectivas sobre a abolição da escravidão. Para a autora: “a África sempre foi o continente da escravidão. A cor negra veio para salvar essa dificuldade moral, porque todo criminoso quer ter uma justificativa do seu crime” (REBOUÇAS, apud GOMES, 2018, s/p). Tal afirmação denuncia o fato de que o corpo negro tem sido sacrificado por crimes cometidos pela sociedade, contudo, como evidencia a autora nas próximas cenas do documentário, a história da escravidão não deve ser contada como algo isolado, mas como parte de um projeto oriundo de um complexo de manipulação de subjetividades destinada a gerar poder a determinados grupos sociais que se nutrem através da dominação de povos sacrificados.

Os objetivos das pessoas que reivindicam a favor da liberdade diante de um sistema que, classifica e dita quem deve servir e quem deve punir, buscam compreender as estratégias para se desconstruir sentidos que representam agências de desejos mantedores da visão oriunda desde os tempos da colônia e atualizados através de diferentes ferramentas de produzir visualidades (MIRZOEFF, 2006). A colonialidade é uma forma de organização e gestão que regula a vida em todas as esferas, atua na economia, gênero e a sexualidade, a natureza e seus recursos, as subjetividades, incluindo a etnicidade e as formas de conhecer. Esta matriz é concebida durante período colonial e se prolonga instalada pela colonização

interna tanto nas sociedades colonizadas quanto nas sujeitas ao domínio do império (PALERMO, 2019).

No documentário, a escravidão foi pensada como não sendo o lugar de origem das pessoas negras, buscando nos capacitar para imaginar a construção de uma narrativa do passado também a partir do sentimento da experiência da liberdade (GOMES, 2018). Surgiu assim um novo destino para compreender as resistências que povos tem feito contra a escravidão implementada pelo poder colonial e o que tem potencialidade para identificar formas de libertação de situações oriundas do mesmo complexo de escravidão que tem se atualizado pelas ferramentas de controle de subjetividades pelos sucessores desse sistema.

O documentário *A Última Abolição*, sobre os navios negreiros, critica a visualidade do pesadelo dantesco em que pessoas negras conviviam com a fome, a sede, as péssimas condições de higiene.

Era um tempo onde as penas cruéis estavam presentes, as penas de torturas, as pessoas não eram condenadas só a morte, podia não ser escravizada, eram condenadas a ter todos os braços e as pernas quebradas, tinha que morrer em quatro horas, essa era a pena” (GOMES, 2018, s/p).

Diante do cenário descrito, eis aqui a questão para compreender as ações promovidas pelo colonialismo para desumanização de pessoas bem como as práticas de resistência. Afinal, o que poderia fazer com que a pessoa escravizada fosse destruída a ponto de perder a capacidade de rebelar-se contra os sistemas de opressão se não a morte? Neste ponto de vista foi pensada a subjetividade do ser escravizado em uma sociedade colonial, local este onde a violência havia sido naturalizada pelo outro e que precisava fugir a todos os momentos do castigo exemplar regido pelo sistema de poder (GOMES, 2018). A diretora Alice Gomes desse filme aparece como entrevistada narrando que:

As mulheres se movimentam pela cidade faz seus próprios planos de liberdade. Porém há um descompasso nas documentações públicas sobre o abolicionismo os jornais, os processos crimes, são documentos de espaços dominados por homens. Entretanto no cotidiano da cidade são as mulheres que estão arquitetando os planos de liberdade. {...} As mulheres são muitas nos registros policiais. Quando a gente olha as ações de processos que se requeria a alforria, muitas mulheres que estabelece um procurador e procuram na justiça garantir sua alforria, enquanto vários documentos de mulheres presas em samba comemorando a abolição. Imagina o que é isso, uma população feminina que celebrou bebendo e dançando e a polícia achou aquilo descabido (GOMES, 2018, s/p).

Neste diálogo, quando o ser escravizado é a mulher negra, é compreensível que elas tenham sido capazes de realizar leitura de mundo e a partir daí traçar estratégias para um mundo melhor numa forma de resistência.

Gomes, (2018), ressalta que encontrou um documento que de um delegado de polícia que pedia a seguinte informação ao chefe de polícia: agora que são todos libertos que tipo de tipo de coisas eles podem fazer? O que, que é possível e permitido a eles? Ou seja, ele estava perguntando: até onde vai a liberdade dessa gente? (GOMES, 2018).

Isto mostra, que mesmo após abolição, não foram oferecidos aos libertos aquilo que lhes eram de direito, nem mesmo o básico de qualquer cidadão como saúde e educação, do contrário, o que propuseram foi criar um código que legitima a exclusão como se terminada a escravidão também terminaria a função do negro na sociedade, ou seja, se tornaram libertos, mas não possui liberdade o suficiente para liderar a vida própria em todas as esferas social.

Gomes (2018) em seu documentário enfatiza que em 14 maio de 1888, um dia depois da abolição, os escravos diziam: “nós continuamos escravos e estamos escravos até hoje com outra roupagem, com outra ideia (...) eles fazem uma coisa chamada código penal de 1890”. Esta questão evidencia que a liberdade não foi um presente dado pelos brancos e o combate à violência do poder colonial não acabou com a abolição. De acordo com Gomes, 2018:

María das Dores, María Isabel e tantas outras mulheres a María Firmina dos Reis, autora do primeiro Romance abolicionista da nossa história que não é lembrada dessa forma. São mulheres que independente do nosso querer já possuíam suas próprias vozes. Então a discussão mais importante hoje eu acho que não é o dar voz é conferir visibilidade a vozes que tão submersas, que tão no subterrâneo da história e quando a gente confere visibilidade a essas vozes incomoda. É por isso que, que as pessoas usam camisas de a casa grande pira quando a senzala aprende a ler, porque é trazer essas vozes para a superfície e ao trazer essas vozes para a superfície à cultura dos privilégios não é automaticamente destruída porque isso não é simples, mas ela é desestabilizada como única possibilidade (GOMES, 2018, s/p).

No sentido de reconhecer as vozes invisibilizadas por sistemas da matriz hegemônica (Palermo, 2009), pode-se mencionar o processo de abolição da escravidão. Esta não foi uma conquista dada ou concedida à população negra. Relata Gomes (2018, s/p), “(...) colocar a princesa Isabel como centro da história é ocultar a mobilização negra”. É uma imagem de poder que quando colocada desta forma é capaz de distorcer a realidade lutas de todo aqueles que compuseram e resistiram para o fim da escravidão negra acontecer, constitui de tal maneira a memória social que se prolifera com perspectiva de apagar as possibilidades de mobilização e transformação da população negra até hoje, havendo uma troca de personagem ao narrar à história. “A população negra nunca teve algo que foi dado, concedido, entregue, tudo que se têm, tudo que a gente tem é resultado de muita conquista, é resultado de luta” Gomes (2018, s/p). É por precipitações como essas que a comunidade negra segue

lutando e não pode parar de lutar e reconhecer a resistência presente nas ações das pessoas contra sistemas estruturantes do racismo.

Gomes (2018) não consegue enxergar a princesa Isabel como um ser de mais destaque do que toda população negra que resistiu e se articulou para o fim da escravidão acontecer. Ela firma que a princesa é uma entre tantos outros personagens dessa história. “Falar da princesa Isabel para quem foi formada pelo movimento negro e dedicou sua vida a investigar outras pessoas que foram negadas pela a historiografia é até uma chateação” (GOMES, 2018).

Para Gomes:

São essas situações perversas decorrentes a violência, a desigualdade, decorrente do racismo e da discriminação racial que nos impulsiona a produzir conteúdos, que nos impulsiona a produzir argumentos, que nos impulsiona a contestar ideias que estão estabilizadas, consolidadas que nos coloca em oposição ao imaginário nessa hierarquia perversa e pervertida que foram produzidas historicamente em relação às racialidades nesse país (GOMES, 2018, s/p).

Segundo Gomes (2018), desde 14 de maio de 1888, tal questão pode ser pensada a partir das seguintes perguntas: “o que aconteceu com a população negra após a assinatura da lei áurea? Para onde essas pessoas tantas foram, o que fizeram, como se organizaram e criaram ideia de liberdade sob um ponto de vista negro?”. Foi através da apreciação da narrativa analisada em nossa pesquisa que trazemos algumas interpretações para tais questões.

5 EVIDÊNCIAS DE RESISTÊNCIAS NO CAMPO ARTÍSTICO

O princípio da iniciativa de artes era restrito a perfis elitizados. O ensino de arte nas escolas de educação formal faltava no desenvolvimento de habilidades manuais, numa perspectiva bem diferente dos ideais da escola nova, que buscava liberdade de expressão e experimentação por meio da arte (MARTINS, 2018).

O sistema perspectivo de arte na abordagem da arte em forma de ensino com base no fazer artístico, leitura de produções artísticas e contextualização social, históricas e culturais não conseguiram se tornar referencial de ensino de arte na educação formal (BARBOSA, 1991). Perdendo espaço para a classificação de arte erudita e arte popular respectivamente, uma destinada a principais referenciais artísticos para museu, cinema, centros culturais, teatro e outros.

A educação herdada da colonização é excludente, com privilégio para a classe dominante, e ao se referir ao campo, não é nada diferente, com a ideia vinda da Europa, através dos colonizadores. Segundo Arroyo (2009) ao se pensar práticas pedagógicas para os sujeitos do campo, se faz necessário analisar o modelo de educação atual. Analisar o modelo de educação oferecida para os povos do campo e as alternativas propostas para estratégias educativas, possibilita entender a o modelo de educação oferecido a mulher negra, pensando o fato de o campo ser o primeiro lugar de atuação da população negra advinda para o Brasil.

É essencial que os profissionais da educação básica compreendam o papel estratégico da arte e da cultura no desenvolvimento da visão crítica dos educando acerca da organização política, social e econômica da sociedade. Por meio das tradições culturais e artísticas, os grupos retratam seus modos de vida, de produção, de significados e compreensão do mundo. Esse processo de valorização do universo simbólico é importante para a compreensão do modo como os diferentes se produzem na relação no/ com o mundo e como eles pensam, atuam e se veem no/ com o mundo (LIMA, 2018, p.198).

A discussão sobre descolonizar o pensamento é importante para analisar debates sobre o papel da arte no ensino da Educação do Campo. Para isso, O Ensino de Artes na Educação do Campo: As Alternativas de Reconhecimento e Valorização das Diversidades Culturais de Elmo de Souza Lima. O pesquisador propõe um ensino associado a compreensão crítica da realidade e o desvelamento dos aspectos políticos, culturais e históricos que entende como limitação para transformação social dos sujeitos. Uma perspectiva de formar diálogo por meio de ações educativas, onde as escolas precisam atender as especificidades campesinas,

proporcionar formação crítica não excludente a cultura local, saberes e lutas pertencente a identidade dos povos do campo (LIMA, 2018).

O debate de formação do sujeito articula reflexões no processo de ensino aprendizagem, como exemplifica:

A articulação entre educação e cultura é a condição essencial ao desenvolvimento de uma educação do campo comprometida com a transformação social, associada a inserção crítica das crianças e adolescentes na vida da comunidade. Uma educação que favoreça o desvelamento de códigos simbólicos que dão sentido aos modos de ser e pensar nesse território. Por meio desse processo, os educando terão a oportunidade de compreenderem-se e reconhecerem-se enquanto integrantes de um grupo social, reafirmando suas identidades, em uma relação com os projetos de sociabilidade construídos coletivamente nesse contexto (LIMA, 2018, p.191).

Lima (2018) argumenta evidenciando a importância do ensino de artes na construção de alternativas para formação crítica da população campesina. Analisa o contexto silenciado dos povos do campo e propõe estratégias que possibilitem novas leituras de realidade para os estudantes, no sentido de entender o campo como um território rico em diversidades das quais precisam ser entendidas, compreendidas e integradas como denuncia os movimentos sociais.

(...) Os projetos educativos empreendidos nas escolas do campo precisa criar estratégias pedagógicas que favoreçam o diálogo entre os diferentes saberes e práticas, reconhecendo a importância da experiência dos camponeses para a consolidação do processo de luta e construção de uma sociedade democrática quando os vários grupos sociais forem reconhecidos enquanto produtores de saberes e cultura e tiverem seus direitos sociais garantidos e sua práticas reconhecidas e incorporada no contexto das experiências pedagógicas das escolas (LIMA, 2018, p. 194).

De acordo com Lima (2018), ensino de arte desperta no educando a capacidade de reconhecer expressões artísticas no meio social e capacita a dar sentido a suas práticas sociais.

Para Santos e Araújo (2016), a maioria dos educadores de comunidades quilombolas trilha por realidades desafiadoras, considerando aspectos como necessidade de investimento na formação continuada de professores, salários irrisórios, infraestruturas nas estradas. Nos ambientes escolares e nas salas multisseriadas. Estes fatores são situações vivenciadas nas unidades escolares do campo que põe a prova a capacidade do professor de superar desafios cotidianos, além de dominar o conteúdo didático. Os movimentos sociais buscam alternativas para essas situações que são silenciadas e não integradas.

Segundo o artigo 26 da Lei no 9.394/1996 – LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação),

os currículos do Ensino Fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma arte diversificada, exigidas pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela (BRASIL, 2017, p19).

No processo de formação crítica, a arte e a cultura necessitam de reciprocidade para construir o conhecimento mútuo, ambas beneficiam a consciência crítica e o intelecto social, pois o cenário social político é atualizado com frequência. Conforme Paulo Freire (1987), a educação, quando se realiza no contexto das lutas, dos movimentos sociais e demais organizações do povo, devem buscar por um ensino baseado em conteúdo que se referem especificamente à realidade.

A obra da cineasta Alice Gomes (2018) apresenta conceitos de resistência presente em todos os momentos da história sendo realizadas em diferentes contextos. Foi entendido que no curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins no campus de Arraias, é onde mais foram identificados atos de resistência ao analisar a região pelos caminhos onde é o contexto que se passam as narrativas vivenciadas no contexto da escrita deste projeto.

Os registros fotográficos produzidos em atividades da disciplina de fotografia no ano de 2019, disponíveis no Youtube foram usados de modo a refletir as lutas e conquistas, analisando as fotografias que retrata mulheres negras em uma universidade federal, num curso em prol da educação com especificidades para os povos do campo, fruto de lutas por direito a educação de qualidade.

Ademais, de apreender e situar-se de forma consciente em relação à sua condição de classe explorada e expropriada dos meios de produção e da renda do seu trabalho pelo capital, esse movimento integra a consciência e a prática internacionalistas e a memória histórica das lutas libertárias e de emancipação humana, elaborando diretrizes e lutas unificadas e ampliando enormemente o seu referencial cultural (Dicionário da Educação do Campo) (2012).

A licenciatura em educação do campo é uma modalidade de ensino em graduação (não somente) efetivamente organizada em 2007 e acontece nas universidades públicas do Brasil, é ofertada em regime de alternância, articula e permite o acesso à universidade, possibilita a formação de professores em exercício da função, com metodologia específica para os povos de comunidades camponesas (MOLINA; SÁ 2012).

Essa alternativa surge em resposta aos movimentos sindicais e sociais na luta pelo não fechamento das escolas do campo, criação de políticas públicas para o campo, para apoiar a

formação de educadores do próprio Campo, entendendo as lutas cotidianas e a identidade essenciais para no processo formativo (MOLINA; SÁ, 2012).

E a outra, a concepção de educação baseada em atividades manuais para o ensino de artes, práticas como artesanato, produção de enfeites, ensaio de dança e outras da mesma natureza. A hegemonia estruturada estabelece relação entre o intelecto e o manual. A medida que as tentativas de novos referenciais para o ensino da arte vão sendo abordados pelo fracasso, desde os currículos escolares, até a constante falta de professores com formação específica nesta área e uso da disciplina para fins de complemento de carga horária por professores que correspondem em formação a outras áreas de ensino (MARTINS, 2018).

A arte procura definir experiência no sujeito o tornando aberto para experimentar a ocorrência de transformação da sensibilidade do saber, pensar e perceber. Ela contribui para o pensamento crítico na criação da relação com o mundo, compreendendo a necessidade de englobamento da cultura Campesina no exercício da criação de uma poética docente no experimento autônomo indo além da então somente valorização das práticas pedagógicas (SCHNEIDER, 2018).

A pesquisa foi em busca de imagens de resistência, encontrou e trouxe para dentro do texto. As imagens aqui retratadas foram encontradas em um site público, não são produções próprias, já eram públicas. O que este estudo fez foi evidenciar essas imagens para fortalecer a discussão a cerca daquilo que está sendo produzido nos espaços sociais.

Figura 1: Alunos de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Talvez aqui esteja a resposta aos movimentos sociais que a tantos anos lutaram pelo e direito à educação para os povos do campo, para a população negra. Um dos capítulos desta pesquisa termina com as perguntas: Onde estão essas pessoas negras? Como se organizam e

criaram sentido de liberdade? Como (Gomes, 2018) responde, essas pessoas estão por aí se organizando, produzindo e criando sentido de liberdade. Esses jovens conquistaram um lugar na universidade, apresenta a unidade de ensino para suas comunidades ao mesmo tempo em que integra seus valores e cultura na poética de produções artística.

Figura 2: Alunas de Educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 3: Alunas de educação do campo arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Se um dia a mulher negra não habitava o mesmo espaço que a arte, atualmente as alunas do curso de educação do Campo com Habilitação em artes visuais e música da Universidade Federal do Tocantins campus de Arraias, superaram esses desafios. Elas estão produzindo e experimentando arte, são acadêmicas de um curso de licenciatura em artes

visuais e além de estudar artes, também ensinarão proporcionando as escolas o contato com profissionais qualificados para aquela área.

Figura 4: Alunas de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 5: Aluna de educação do campo Arraias – TO



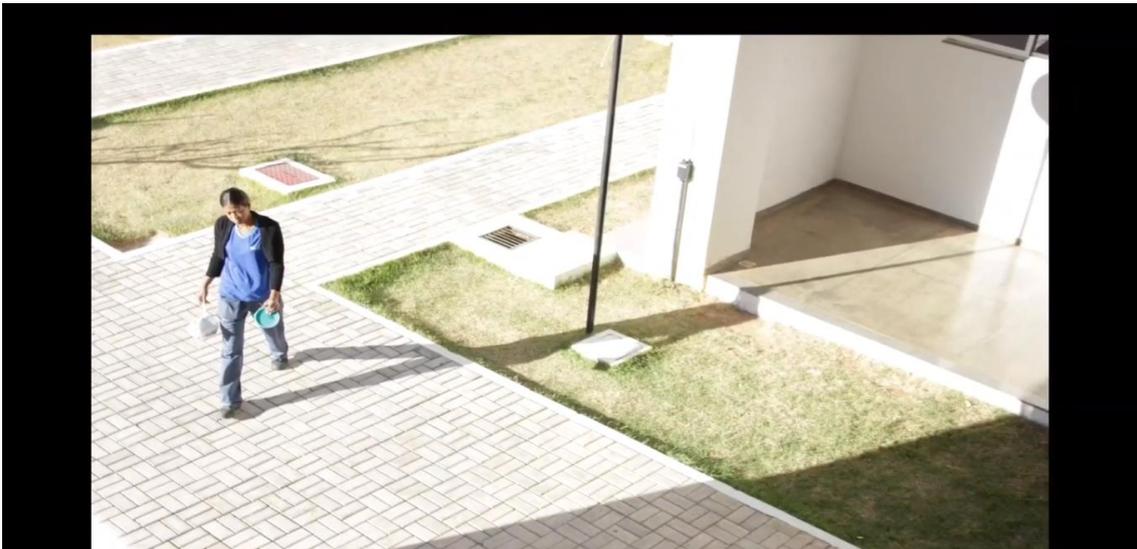
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 6: Professora de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

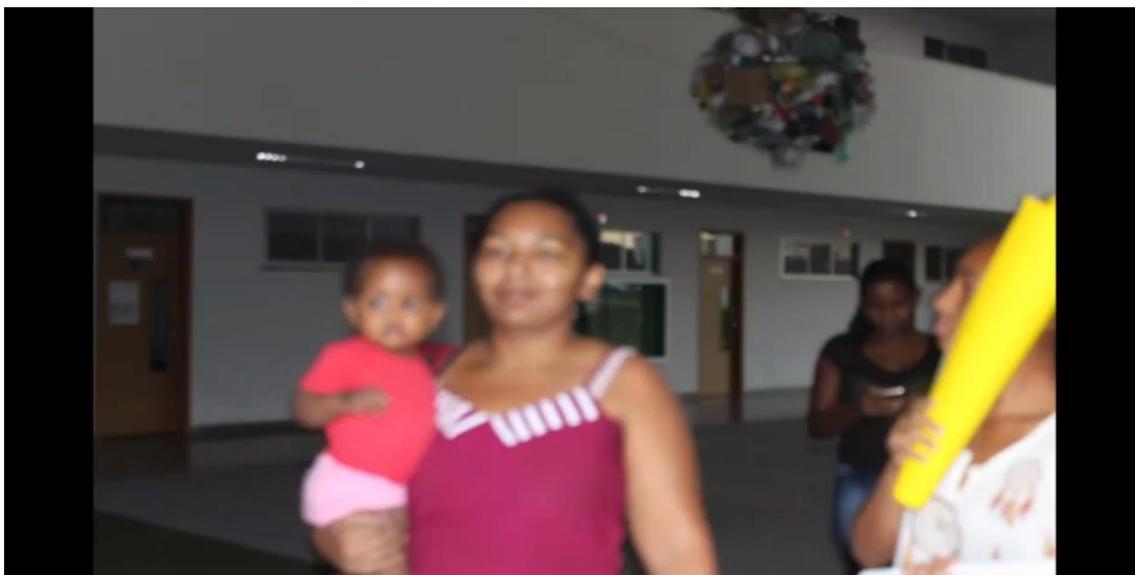
Figura 7: Auxiliar de serviços gerais do campus de Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Elas persistem em pertencer, cada uma tem sua luta e forma própria de resistência. Nas fotografias foi encontrado professoras, alunas e também aquelas que por algum motivo não estão na sala de aula, a auxiliar de serviços gerais. Elas estão lá, descobrindo, participando, trabalhando e criando sentidos de liberdade.

Figura 8: Aluna de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 9: Aluna de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Foi possível perceber que muitas das alunas do curso são mães, donas de casa, trabalham fora e precisam conciliar as coisas para poder estudar, situação já descrita em (TEIXEIRA, 2019), em relação às dificuldades enfrentadas por mulheres no processo de formação. Essa imagem por si só já diz muita coisa, pois foi realizada no contexto universitário em dias letivos, quando o clique da câmera alcançou as mães que não têm com quem deixar os filhos e encara as lutas acompanhadas dos filhos.

Figura 10: Cozinha dos alunos de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 11: Quarto do alojamento feminino de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Figura 12: Varal do alojamento de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Ao falar de lutas e resistência dos povos do campo no contexto da educação do campo com olhar específico para a mulher negra, vale observar os desafios e possibilidades na vida dessas personagens. Analisar como são capazes de realizar leitura de mundo e criar sentido de liberdade coletiva. Considerando as imagens do alojamento de instalação das estudantes para hospedagem durante o período letivo que permanecem na universidade em razão da longa distância de suas casas, possibilita entender um contexto de conquistas que estão acontecendo pouco a pouco e se adequando para suprir as necessidades específicas dos povos do campo. Gomes (2018) fomenta a discussão afirmando que são por esses e outros motivos de distanciamento que não podem parar de lutar.

Analisando as imagens, é possível pensar respectivamente os conceitos de visualidades e contravisualidades em Mirzoeff (2016), é visível a presença de pessoas do campo nas universidades, e a arte permite a perspectiva de olhar crítico de como chegaram ali, a estrutura em que se matem naquele ambiente e a criação dos sentidos de existência.

Figura 13: Aluna de educação do campo Arraias - TO



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=uUZCTrZOCOI&t=1102s> . Acesso em: 16 abr. 2021.

Esta imagem representa o encontro de cultura e educação, uma aluna de comunidade quilombola fiando, compartilhando as práticas culturais do seu povo com a universidade. Cria-se uma possibilidade de tessitura de diálogo entre arte, educação e resistências.

6 DESCONSTRUÇÕES DE OLHAR COM REFERÊNCIA DE ROSANA PAULINO

A busca por evidenciar resistência foi de encontro às escritas e obras da artista Rosana Paulino e as reconheceram como importante embasamento teórico para dialogar com a discussão de desconstrução de visualidades que produzem negatividades no pensar a negritude feminina na sociedade brasileira.

Os trabalhos de criação artística têm como foco principal a situação da mulher negra na sociedade brasileira. Na busca por entender com essa estrutura funciona se pergunta como é ser mulher negra no Brasil, analisando as marcas e sinais de preconceitos deixados pela escravidão.

Minha vida porque eu sou negra, sou descendente de negros. A primeira coisa que me chamou a atenção foi o fato de que não tínhamos bonecas negras para brincarmos e todos os modelos que apareciam na TV e nos livros infantis eram sempre da fada e da princesa linda, loira e de cabelos lisos. Isso me chamava a atenção, brincávamos de colocar uma toalha na cabeça para representar o cabelo loiro e liso e pensávamos que isso era normal. Só quando fui crescendo é que percebi essa exclusão, nesses parâmetros. Porque a mulher negra sempre aparecia na TV no papel de empregada doméstica ou como mulata gostosa, sempre nessa situação, sempre nos papéis de excluídos. Obviamente isso foi chamando minha atenção. À medida que eu fui estudando, eu trouxe isso para meu trabalho porque é isso que me incomoda. Eu só consigo trabalhar de fato com as questões que me incomodam (INFORMAÇÃO VERBAL À ANTONACCI, 2018).

A narrativa da artista representa um contexto de desigualdade na produção de imagens televisivas, o imaginário de cabelo ideal, a função repetitiva de cada papel de atuação dos personagens, na descrição de cenário possível de ser lido em camadas, pois além da reflexão dos personagens, é perceptível a estruturação desta visão numa sociedade em que tanto a desigualdade entre os gêneros quanto a desigualdade racial se perlongaram pelo o longo da história, por séculos e séculos (PAULINO, 2012).

É sabido que, mesmo quando possuidora de elevado nível educacional, a mulher negra é quase sempre vista como não apta a executar trabalhos que requeiram elevada qualificação profissional. Esta visão fruto de claro preconceito racial e de gênero, tem marcado nossa sociedade até os dias atuais (PAULINO, 2011, p 49).

Esse argumento se encontra sistematizado na sociedade distorcendo a imagem feminina, atribuindo nada mais do que senso de inutilidade. As mulheres que produzem rebelando contra o sistema geram ruídos nas afirmativas construídas, constroem caminhos para novas narrativas de como é ser mulher negra brasileira, com a participação de novas vozes.

Os desafios de ser artista em um país que desconsidera e, ultimamente, chega a demonizar a educação e a cultura, são enormes para qualquer pessoa. E, quando se trata de mulheres negras, esse desafio triplica. Primeiramente, a dificuldade de acesso a boas escolas no campo das artes é maior no nosso caso. Isso inclui o menor contato com outras línguas que abrirão portas para residências formativas, por exemplo. Segundo, temos muitas vezes o ônus da casa, dos filhos para as que têm, de ter que trabalhar muito cedo para pagar nossa formação. E, quando superamos isso, temos que enfrentar um mercado de artes ainda muito masculino, branco e eurocêntrico. Ou seja, no nosso caso os desafios, são grandes acabam por ser no mínimo triplicados (TEIXEIRA, 2019).

Esta descrição de situação de enquadramento da mulher negra estimulou a pesquisa a buscar entender o que essas personagens produzem para sobressair a esta situação, deu espaço para pesquisar sobre as obras da própria autora da fala, uma mulher negra brasileira que produz artisticamente baseado naquilo que lhe incomoda na sociedade.

Com relação à fotografia e a memória Paulino (2018) lembra:

Desde criança eu gostava de mexer numa caixa de fotos que nós temos aqui em casa e, quando chegou a esse momento eu disse: ótimo! Vou trabalhar com as fotos de família. Eu posso saber quem sou eu, de onde vieram meus antecedentes, meus pais, minha mãe, minha avó, Eu não sou fotógrafa, eu tenho muita dificuldade com a fotografia pura, mas eu gosto de colocar as fotografias em outras situações. Daí veio “Parede da Memória” (INFORMAÇÃO VERBAL À ANTONACCI, 2018).

No trabalho “Parede da Memória” (2018), a fotografia é estudada como elemento de importância como registro de uma história por meio de fotos velhas da família como um componente de afeição, memória e origem. Segundo a artista, por meio das fotos é possível entender quem é, e de onde veio o processo de criação da artista compõe um sistema de resistência nos quais muitos outros personagens estão engajados nesta luta, como referenciado no decorrer deste estudo. Aqui surgiu uma nova proposta de comunicação para esta pesquisa, uma atividade de intervenção com algumas imagens que trazem possibilidades de outras visões sobre algo que já é bastante conhecido pelo público. Foram selecionadas no site da artista algumas imagens que dialogam com o tema pesquisado, para postar todo dia uma imagem de resistência no status do whatsapp por uma semana seguida.

No objetivo de analisar diversas visões, traz uma provocação para repensar padrões e concepções tradicionais sobre os conceitos sociais brasileiros, incorporando novas possibilidades de reflexão. As imagens selecionadas são de obras da artista Rosana Paulino. Segue a atividade trazendo essas imagens para o contexto social e pensar se essas imagens são capazes de interagir com os grupos de pessoas que circulam na rede social de whatsapp em que foram publicadas e criar alguma ideia de pertencimento ou memória.

Os critérios para escolher as imagens foram pensar as situações que justificam o racismo, mas não no sentido de trazer isso a tona novamente, e sim publicando obras de artistas em combatem a situações que gera violência, incorporando nas obras discussões além da história de ser subalterno.

Como no site foram encontrados apenas vídeos publicados, a captura de tela foi um meio utilizado para obter as imagens na forma desejadas. Foram escolhidas sete imagens para serem trabalhadas, depois de selecionadas começou a interferência efetuando os recortes do prints e adicionando as legendas, preparando as imagens para serem postadas. As intervenções duraram uma semana, sendo exibida uma imagem a cada dia no status, seguida da observação da ação das pessoas em relação às postagens, se elas interagem, qual a reação diante das imagens de resistência. Novamente os prints são usados para registrar os resultados, quantas visualizações, quantos comentários e outros manifestos possíveis.

Figura 14: Os Fardos

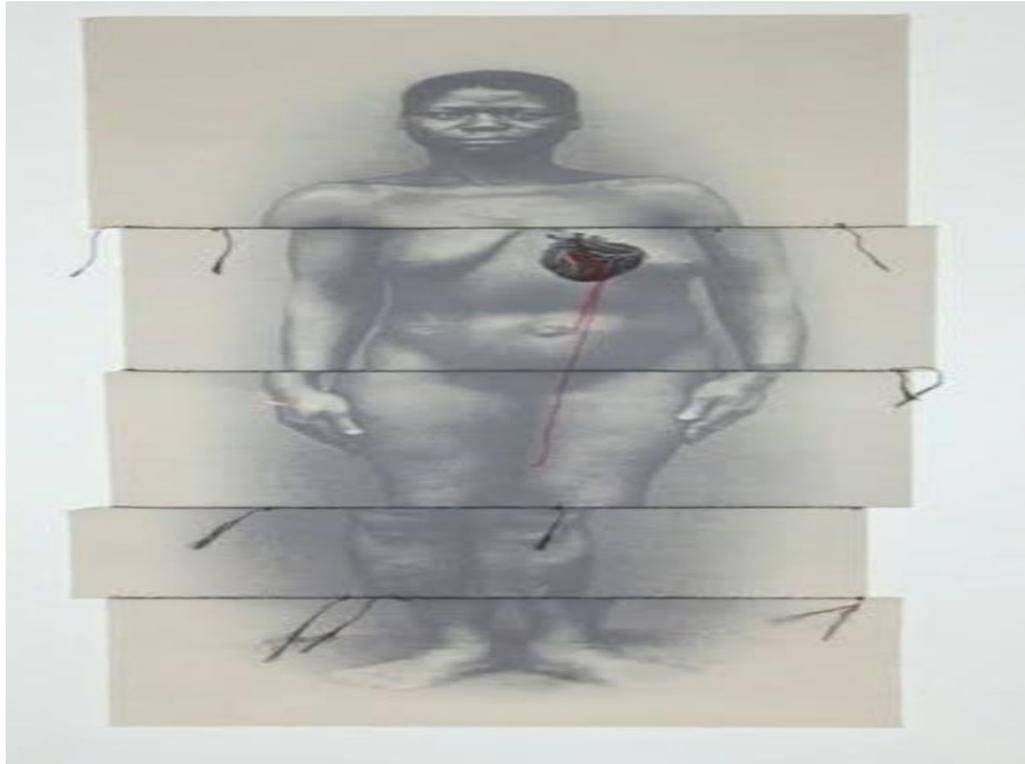


Os Fardos, Rosana Paulino, 2012.

Fonte:<<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Esta é uma das sete imagens que compõe a série de imagens selecionadas e foi a primeira a ser postada. Nesta obra a artista representa a situação dos escravos dentro da estrutura da escravidão. Ela descreve a situação dos escravos como braços para serem queimados, a madeira para ser queimada na qual a vida média dos escravizados variava de dois à no máximo cinco anos. No entender artístico não havia nada melhor para representar a falta de valor e o desgaste daquele ser humano a não serem madeiras para serem queimadas (PAULINO, 2012).

Figura 15: Assentamento



Assentamento. Rosana Paulino, 2012.

Fonte:<<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Aqui a artista compara seu processo de produção no percurso para conseguir resultados recortando e remontando imagem com a situação de deslocamento do escravizado. Ela pega uma imagem pequena de um livro, amplia recorta e costura colando os pedaços novamente. Ao observa o que acontece com a colagem, conclui que assim como acontece com a sua obra, o refazer do escravizado na sociedade não volta a ser o que era antes, as partes recortadas não se encaixam perfeitamente como no princípio e a incorporação desses indivíduos nunca aconteceu como deveria acontecer na sociedade brasileira. O coração sobreposto na imagem é uma doação da autora para lembrar a humanidade daquele ser.

De acordo com Paulino, (2012), o Brasil possui sutura social derivada de fatos históricos não superados. No sentido de pensar as mudanças enfrentadas desde o processo de captura do escravo ao momento de instalação em um contexto de exploração humana. As pessoas negras ainda se encontram deslocada no refazer se nos espaços sociais, seus valores culturais não foram agregados de fato e apesar de enraizar suas culturas e valores, nunca foram incorporados realmente na sociedade.

Figura 16: Ama de Leite



Ama de Leite, Rosana Paulino, 2016.

Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Segundo Paulino (2016), a escultura Ama de Leite, é apresentada sem pernas, braços, cabeça, para discutir a função da mulher negra durante a escravidão, na busca por entender as forma de predomínio na sociedade brasileira nos dias atuais. Entende que houve uma passagem das Amas de Leite para babás, num mecanismo que está sendo atualizado a todo momento pelo sistema de dominação de poder. A falta dos membros corporais representa a inutilidade da mulher e o excesso de seios na imagem refere a função destinada ao ser feminino naquele sistema de imposição.

Figura 17: Ainda a Lamentar



Ainda a Lamentar, Rosana Paulino, 2016.

Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2016.

Ainda a lamentar é outra obra de Paulino 2016, em continuação do diálogo sobre localidade das mulheres negras no contexto social brasileiro. Refletir situações de reflexos do passado ainda imposta sobre o corpo feminino. A produção apresenta a relações ao desgaste, algo que pesa, puxa para trás e acompanha a trajetória da vida da mulher na sociedade. O compartilhamento de imagens como esta, instiga o imaginário social a realizar novas leituras dos fatos aleatórios do cotidiano social.

Figura 18: Bastidores



Bastidores, Rosana Paulino, 2016.

Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Essa figura representa mais um trabalho da artista, pois compõe série Bastidores onde a artista intervém em uma imagem que já possui um significado. Então ali artista amplia aquelas fotografias e utiliza objetos do cotidiano para tratar de acontecimentos sociais. A obra é uma composição crítica a violência sexual contra criança, violência domestica, o racismo, mas também possibilita pluralidade de leitura. Os materiais são manipulados para dar forma a produção, pois ali está um tecido costurado, mas intencionalmente ela costura as bocas, gargantas e olhos dos personagens na tentativa de provocar reflexões acerca da posição de bastidores da mulher negra na sociedade brasileira.

Figura 19: Exposição Colméia



Exposição colméia, Rosana Paulino, 2016.

Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Esta obra compõe é uma exposição onde a artista estabelece relação de comparação entre as abelhas e o feminino da mulher, um ser caracterizado no senso comum pela delicadeza. Apenas a imagem de uma das esculturas foi selecionada para expor, na intenção retratar uma nova leitura sobre a mulher negra.

A figura instiga a conhecer o aspecto guerreiro da mulher que, desde o passado luta por direitos de gênero e de raças em diferentes contextos sociais brasileiro. Paulino (2016), “curiosamente elas não tem os braços”. A falta dos braços representa as marcas do passado de lutas, pois a guerras possuem características mutiláveis, também pode estar relacionado à situação de inutilidade da mulher. Outro contra ponto ao argumento de sexo frágil e delicado são os materiais escolhidos para construir as esculturas, anzóis, tecidos, a cor, são elementos relacionados à cultura deste ser, usados propriamente para representar o sentido de agressividade e estratégia na forma de resistência.

Figura 20: Sem Título



Obra Sem Título, Rosana Paulino, 2018.

Fonte: <<https://www.rosanapaulino.com.br/blog/videos/>>. Acesso em: Abril de 2021.

Segundo Paulino (2018), o cabelo é um elemento usado para meios de classificação e desclassificação na sociedade brasileira. Uma pessoa com a mesma tonalidade de pele é referida de forma diferente por causa da estrutura do cabelo. Por exemplo: Se o cabelo for liso, uma pessoa considerada moreninha passa a ser considerada negra, com o mesmo tom de pele, se o cabelo for crespo. Acontecem na visão da artista uma estrutura de classificação, duas pessoas de cor de peles iguais descritas de formas diferentes apenas pelo tipo do cabelo.

7 COMO DAR VISIBILIDADE NAS REDES SOCIAIS AS OBRAS POSTADAS NO MEU STATUS

Figura 21: Status 1



Fonte: Registro do autor (2021)

Depois de realizar a primeira postagem no status, começou o momento de aguardar ansiosamente a reação do público. Passou-se 24 (vinte e quatro) horas, uma imagem com 69 (sessenta e nove) vistos e nenhum comentário. Neste contexto de silêncio surgem algumas preocupações: será que é preciso mudar alguma coisa? É preciso algo para chamar mais a atenção? Aquele acontecido colocou a prova de fogo todo o processo planejado, a saída foi

continuar com o projeto, escrever sobre aquelas inquietações, postar a segunda obra e continuar observando.

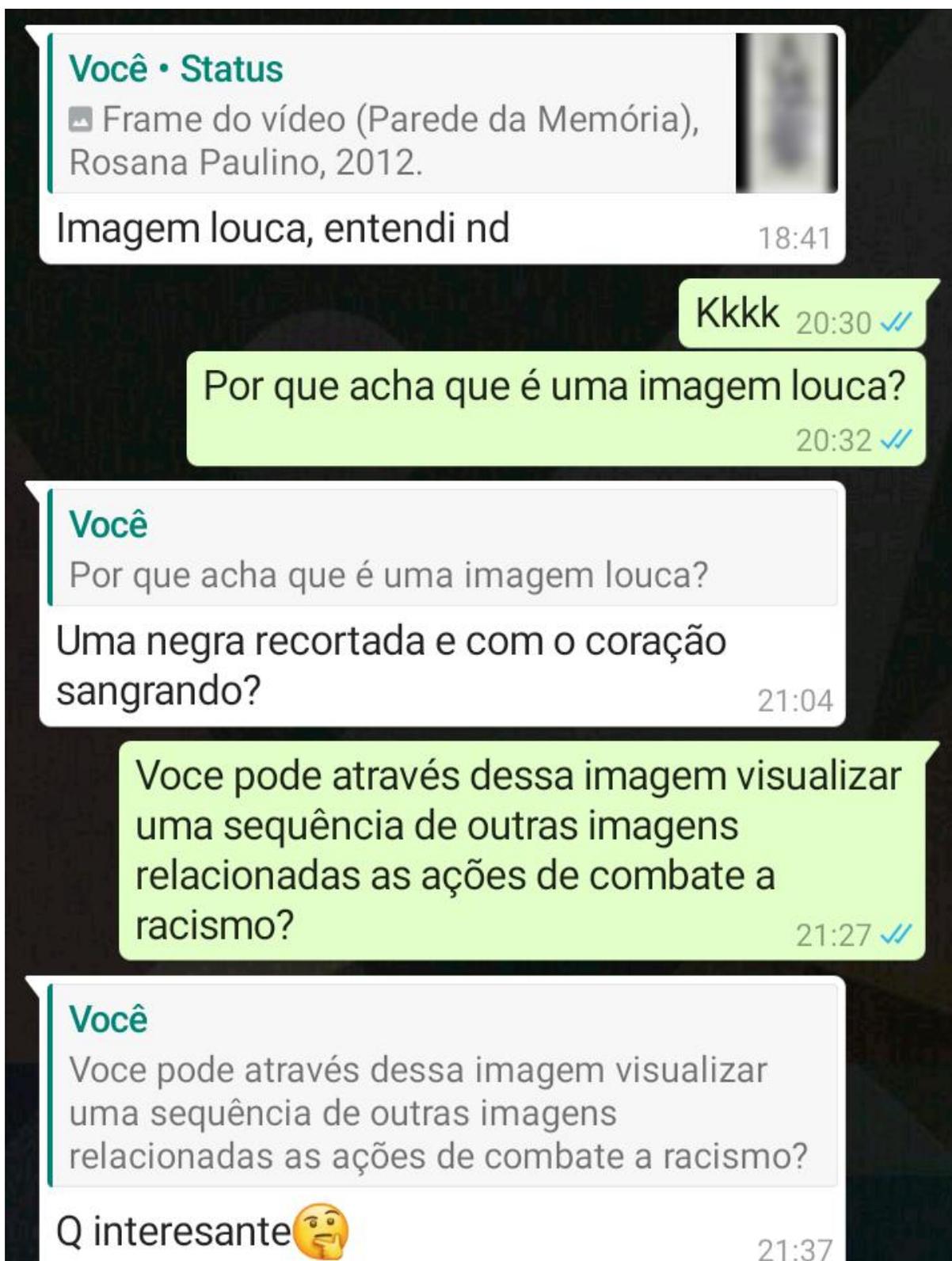
No momento em que inicia a segunda postagem parece que aquela primeira já havia decidido tudo, as expectativas frustradas e, de repente dois comentários. O primeiro: Linda. O segundo: “Que imagem louca, entende-se nada”. E agora? O que fazer? Como responder? Por mais desejado que fosse conseguir a interação das pessoas, não havia planejado esse diálogo. O jeito foi falar as primeiras coisas que vinha à mente com relação ao assunto. Agora o cenário se configura diferente, a atividade começa a proporcionar diferentes experiências ajudando a compreender melhor os desafios e possibilidades da ação de lidar com obras artísticas no status de uma rede social.

Figura 22: Resposta ao Status 2



Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 23: Resposta 2, ao Status 2



Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 24: Status 3



Frame do vídeo (Bienal do Brasil),
Rosana Paulino, 2016.

👁 60

Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 25: Resposta ao Status 3

Você • Status

Frame do vídeo (Bienal do Brasil),
Rosana Paulino, 2016.



Era pra ter comentado ontem dormi e esqueci.
Então essa imagem nos traz a memória das mulheres negra, que era abusada sexualmente pelo os brancos, que vinha dar a luz a uma criança, e era retirado dos dela.

08:28

Muito bom você compartilhar a sua reflexão. Esta é uma imagem da "ama de leite" da Rosana Paulino. A partir da provocação da artista podemos atribuir várias leituras a mesma imagem.

10:02 ✓✓

Eu estava olhando melhor as obras dela é muito boa

11:22

O fato de você ter pesquisado saber mais sobre essas obras demonstra o seu interesse pelo tema.

11:44 ✓✓

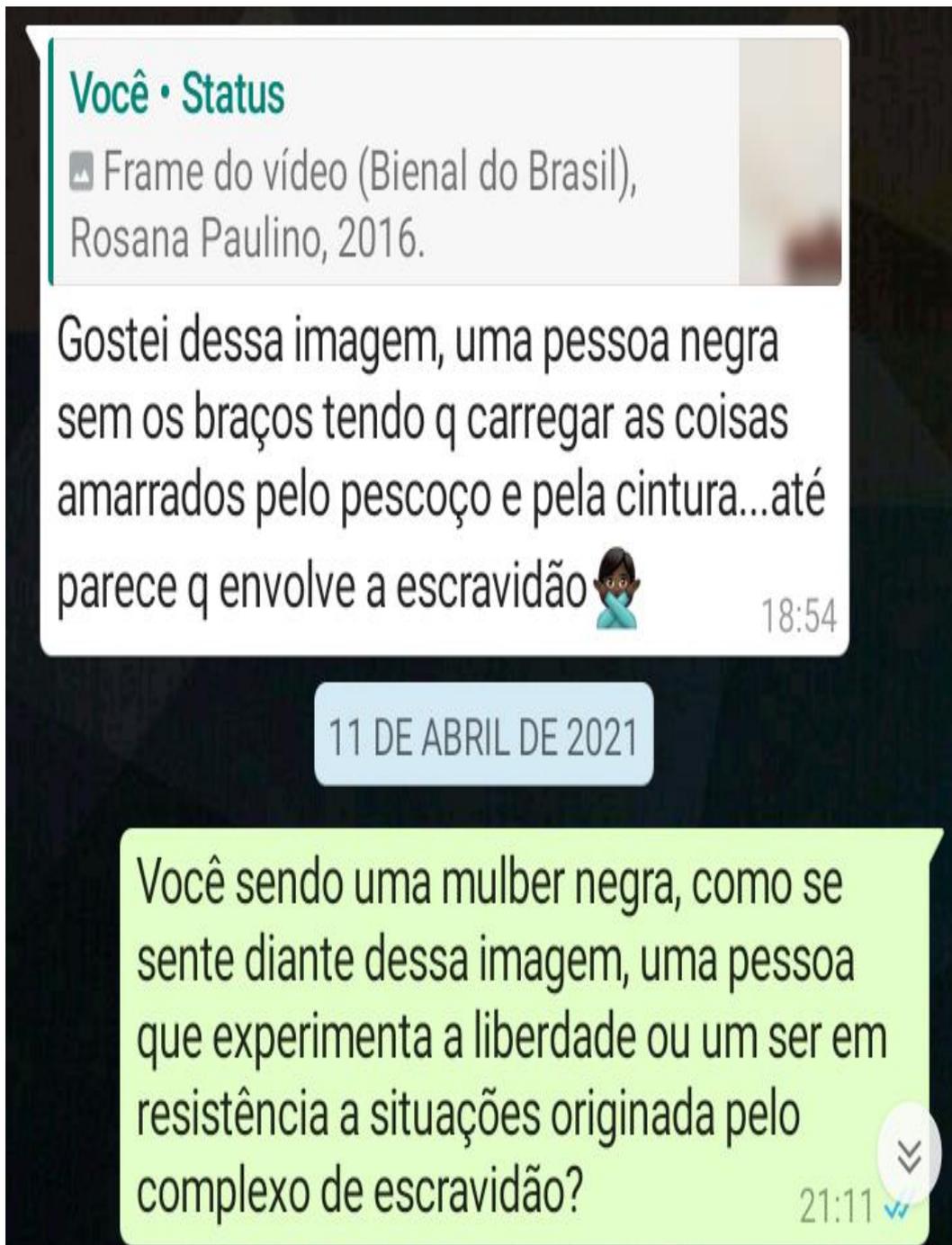
Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 26: Status 4



Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 27: Resposta ao Status 4



Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 28:Status 5



Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 29: Status 6

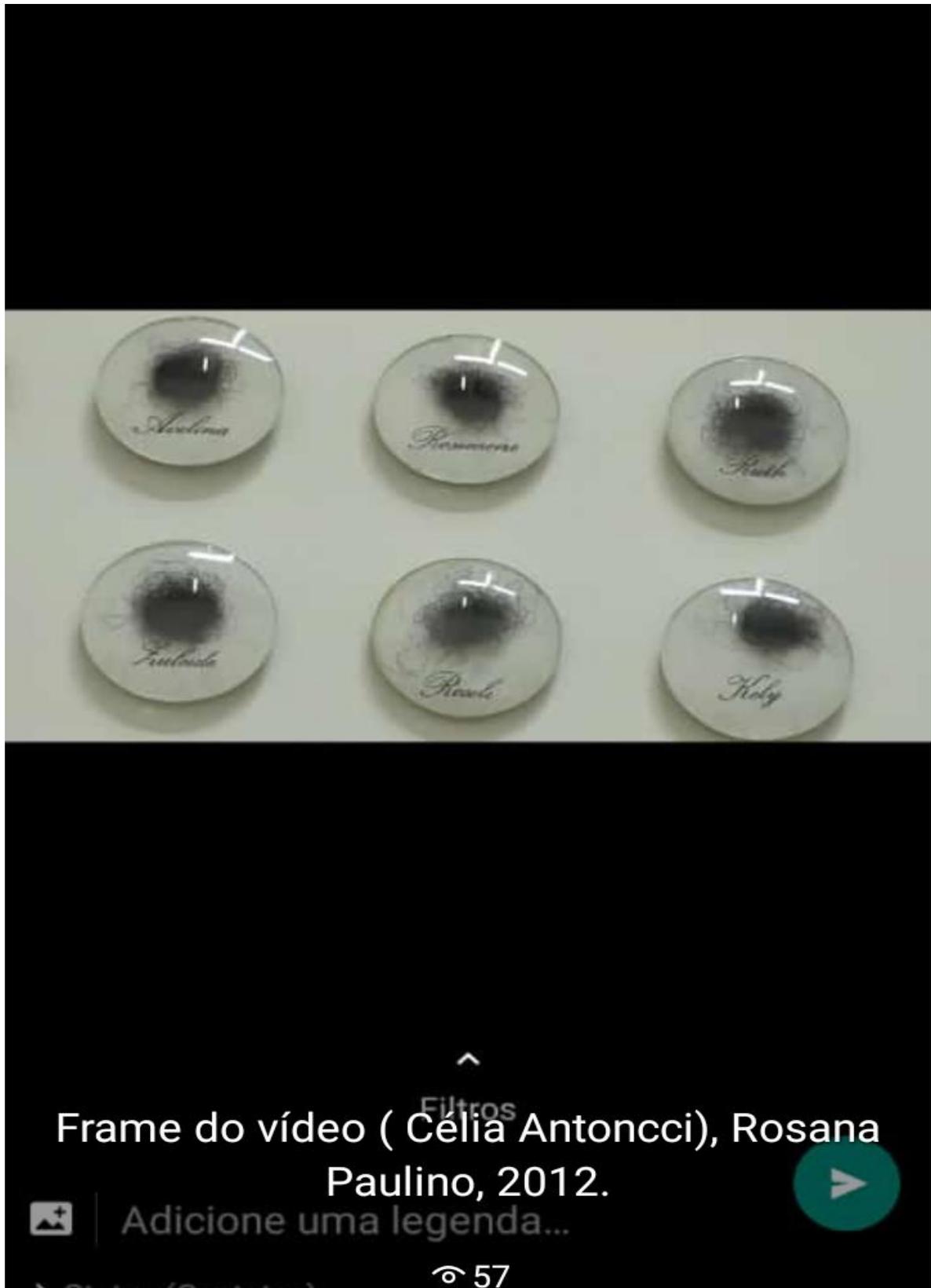


Frame do vídeo (Célia Antoncci), Rosana Paulino, 2018.

69

Fonte: Registro do autor (2021)

Figura 30: Status 7



Fonte: Registro do autor (2021)

As imagens chamaram a atenção o suficiente para manter aproximadamente o número de visualizações diárias na rede social. Porém por alguma razão houve poucos comentários. Isso não quer dizer que a atividade não deu certo, pois o fundamental era unir ao que outros artistas e educadores estão produzindo, buscar entender as possibilidades e desafios pensando essas produções em diferentes contextos, por isso uma prática crítica via whatsapp.

A escolha acontece por entender que atualmente o aplicativo se tornou o meio de comunicação de maior possibilidade de acesso. Até mesmo alguns planos de internet incluem whatsapp, mesmo quando não há mais plano para outros aplicativos.

Essa fase de construção do desenvolvimento coloca o artista na condição de estagiário exporto a experimentar a si mesmo e a ação artística, numa oportunidade de formação problematizada, com oportunidades de planejar e rever os planejamentos teóricos e práticos. Também é o momento da experiência das dificuldades e possibilidades, pois a arte não estabelece padrões de produção, ela permite experimentar no modo de produzir para cada variação de contexto, se tornando uma potência educativa na pluralidade de formação (SCHNEIDER, 2018). Com base nessa premissa foi experimentado o fazer intervenção artística em aplicativo de contatos num meio de comunicação social.

Assim depois de buscar, pesquisar, analisar e praticar a pesquisa trouxe uma resposta imediata a problemática principal de origem deste estudo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o racismo estrutural no Brasil é algo muito importante e falar das causas desse sintoma é ainda mais, como também importa falar das formas de resistência, pois abrange algo muito maior do que é visível no olhar tradicional, onde a sociedade perde uma parte que importa, no sistema racista, uma parte do social que deveria ser olhado como centro, se torna o outro.

No trabalho as imagens são marcos fundamental para problemáticas e respostas aos conflitos. Os mesmos meios que são usados para produzir imaginários racistas, servem para a desconstrução desse olhar. As imagens portam influências de acordo com o contexto a que são submetidas.

Acredita-se no comprometimento dos personagens que lutaram e lutam para que o olhar passe por necessárias mudanças. Nesse sentido, ao analisar produções de artistas negras, é compreensível que as discussões acerca das resistências vêm ganhando espaço nas políticas públicas e meios sociais, embora muitas questões devem serem melhoradas, tais como a ideologia de que frases como: “a coisa ta preta” significa uma coisa ruim.

A educação é entendida como uma importante fonte de mudanças por meio das artes visuais, no processo de formação crítica dos sujeitos. Nesta perspectiva o Curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes Visuais e Música da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Arraias – TO proporciona a docência conteúdos disciplinares que abordam a temática, na formação com capacidade para desenvolver propostas capazes de atender as necessidades específicas, como é o caso deste trabalho de resistência. Depois de buscar, pesquisar, analisar e expor, a pesquisa trouxe uma resposta imediata à problemática principal de origem deste estudo.

O trabalho buscou por personagens que dizem “não”, “eu não aceito isso”, “eu não aceito”, “que a coisa ta preta” significando “uma coisa ruim”. Pesquisando artistas e obras, e evidenciando para dentro da pesquisa. Com o objetivo de insurgir e mostrar algo positivo foi pesquisado e evidenciado história de resistências no status de whatsapp, provocando a leitura destas imagens.

A tensão das fotografias provocada no status do Whatsapp nos permitiu compreender como operam as estruturas sustentadoras do racismo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, Célia Maria. Rosana Paulino: Poéticas de Arte Africana Contemporânea. Unesp. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/142/0> Acesso em: 12/11/2020.
- ANTONACCI, Célia Maria. **Vídeo Parede da Memória**. Santa Catarina: UDESC, 2018.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo**. Editora Vozes, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- CAMINHAS, Lorena Rúbia Pereira. **Imagens de violência e de gêneros em telenovelas brr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000100208&tlng=ptasileiras**. Scielo. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.b>> Acesso em: 01/11/2020
- Caldart, R. S., & Pereira, I. Brasil.; Alentejano, P., & Frigotto, G. (Orgs). (2012). **Dicionário da Educação do Campo**. Expressão Popular.
- DIDI-HUBERMAN, George. **Devolver uma imagem**. In: ALLOA, Emanuel(org.). **Pensar a imagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, (205-225).
- ESTARQUE, Marina. CAMAZANO, Priscila. **Mulheres negras protagonizam só 7,4% dos comerciais**. Uol. 2019. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/10/mulheres-negras-protagonizam-so-74-dos-comerciais.shtml>> Acesso em: 12/11/2020.
- FISCHMAN, Gustavo. E. **Reflexões sobre imagens, cultura visual, e pesquisaeducacional**. São Paulo, 2004. Disponível em:http://www.academia.edu.>Reflexões_imagens_cultura_... Acesso em 27/10/2020
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Recorde, 1997.
- GOMES, Alice. **A Última Abolição**. Produção: Gaveafilmes e Esmeralda. Brasil: Pipoca filmes, 2018. Globo play.
- GROSVENOR, Ian, Lawn, Martins Rousmaniere, Kate (orgs). **Silences and Imagens: The Social Histiry of the Classroom**. Nova York, 2000.
- LACERDA, Priscila Fernandes. ANTONACCI, Célia Maria. Priscila Rezende, **um corpo-arte em protesto**. UDESC, Disponível em: <https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/6220/Priscila_Rezende__um_Corpo_Arte_em_Protesto_15035830680835_6220.pdf> Acesso em: 24/10/2020.
- LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº. 9.394/96 atualizada em 2017. Disponível em:<

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf>. Acesso em: 24/10/2020.

Visuais na Educação do Campo Contextos, Tramas e Comexões. Palmas – TO, 2018.

LIMA, Elmo de Souza. **Ensino de arte na educação do campo: as alternativas de reconhecimento e valorização das diversidades culturais.** *In:* SILVA, Hertha T.; GUERSON, Milena (org.). **Artes Visuais na Educação do Campo Contextos, Tramas e Comexões.** Palmas – TO, 2018.

MARTINS, Alice Fátima. **Experiência Poética na Educação Promovida em Escolas do Campo.** *In:* SILVA, Hertha T., GUERSON, Milena (org.). **Artes Visuais na Educação do Campo.** Palmas – TO: EDUFT, 2018, (159 -170).

MARTINS, Alice F. Impressões do vazio. Actas do II Congresso CSO'2011. Lisboa: Faculdade de Belas Artes/Universidade de Lisboa, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** Petropolis: Vozes, 2001. 14p.

MIRZOEFF, Nicholas. **O direito a olhar.** ETD – Educação Temática Digital. Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745-768, nov. 2016. Disponível em:<http://www.silviapinto.com.pt/files/2014_Regimes_Esc%C3%B3picos.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

PAULINO, Rosana. Identidade Tecida: Rosana Paulino **costurando o sentido da mulher negra.** **SciELO,** 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-61582016000100010> Acesso em 28/10/2020.

SCHINEIDER, Daniela da Cruz. **Estágio curricular e formação de professores de artes visuais: Como criar para si uma poética docente.** *In:* SILVA, Hertha T.; GUERSON, Milena (org.). **Artes**

TEIXEIRA, Marina Dias. **Ser Artista Negra: o olhar de Rosana Paulino sobre passado, presente e futuro.** **SP-ARTE 365,**2019. Disponível em:<<https://www.sp-arte.com/editorial/ser-artista-negra-o-olhar-de-rosana-paulino-sobre-passado-presente-e-futuro/>>. Acesso em: 24/10/2020.